

De Pai para Filho: o trabalho e seus sentidos para pais e mães

Daniele dos Santos Fontoura

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - danielesantosfontoura@gmail.com

Adriano Reckziegel

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - adrianoreck@gmail.com

Marlene Valerio dos Santos Arenas

Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) - marlenearenas@gmail.com

Valmiria Carolina Piccinini

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - piccininpt@yahoo.com.br

RESUMO

Hoje mais do que nunca o trabalho encontra-se no centro do debate na sociedade. Este artigo tem como objetivo analisar se e como a maternidade/paternidade afeta o trabalho e o entendimento do trabalho para pais e mães que tiveram o primeiro filho há até 3 anos. Por meio de um recorte de três momentos da vida do entrevistado – passado, presente e futuro – buscou-se investigar quais suas noções sobre o trabalho, bem como o que entendem por sentido do trabalho, questionando tanto as mensagens recebidas de seus pais quando os entrevistados eram ainda crianças e adolescentes quanto, projetando para o futuro, a visão de trabalho que pretendem passar para o filho. Para tanto, buscou-se nos indivíduos e em suas percepções a chave para entender a importância e o espaço que o trabalho ocupa neste momento de mudança na vida dos sujeitos. O estudo caracteriza-se por uma pesquisa de abordagem qualitativa, sendo que os dados foram coletados via entrevistas semiestruturadas. O roteiro de entrevista foi elaborado tomando como base as perguntas utilizadas por Morin (2001) e ampliado com a finalidade de atender aos interesses da pesquisa. A partir da pesquisa foi possível identificar que a importância do trabalho na vida dos entrevistados sofre alterações com o evento do nascimento do primeiro filho. Isto ficou evidente nas entrevistas, nas quais os pais e as mães relataram que com a paternidade/maternidade o trabalho passou a ter um sentido mais funcional e financeiro, ao relatarem que neste momento passam a ser responsáveis pela vida de mais uma pessoa. Porém, também foi possível observar que neste mesmo momento de suas vidas, ocorre um aumento na procura por um equilíbrio entre as esferas pessoal e profissional.

Palavras-chaves: Sentido do trabalho, paternidade, maternidade

1. Introdução

Hoje mais do que nunca o trabalho encontra-se no centro do debate na sociedade. Questões como o lugar do trabalho em nossas vidas, a falta de trabalho para alguns ao lado da sobrecarga de trabalho para outros, as formas que ele pode assumir, as condições de trabalho conforme a categoria profissional e, mais recentemente, a discussão sobre a natureza e as transformações no vínculo empregatício e na relação salarial tem sido foco de indagações. As sociedades modernas seguem se questionando sobre o lugar e o sentido do trabalho na vida cotidiana (MERCURE; SPURK, 2005).

Diversos estudos têm sido realizados sobre a temática do trabalho, porém, conforme criticam Mercure e Spurk (2005, p.10), estes tem adquirido cada vez mais um tom de instrumentalidade que acabam distanciando-os das questões sociais a ele pertinentes. Assim, caberiam aos estudos “descentrar o olhar da vivência imediata e ressitua-lo no universo rico e complexo das possibilidades”. É nesta linha que se insere o trabalho desenvolvido a seguir, pois ao contrário de limitar-se a apresentar formas para aumentar a produtividade ou oferecer indicações de como lidar com a maternidade/paternidade e o trabalho, busca expandir as discussões e possibilitar o repensar sobre a visão e o sentido do trabalho para indivíduos que se tornaram pais e mães recentemente. Para tanto, buscou-se nos indivíduos e em suas percepções a chave para entender a importância e o espaço que o trabalho ocupa neste momento de mudança na vida dos sujeitos.

Conforme Sorj (2000), o trabalho continua sendo central na vida dos indivíduos, que precisam vender sua força de trabalho no mercado como forma de garantir seu sustento. Porém, devido a pluralidade das formas nas quais se apresenta e sua invasão nas mais diversas esferas da vida, as pessoas têm cada vez mais dificuldade em distinguir o que é trabalho do não-trabalho. Ainda, conforme a autora, a família nuclear, da forma como era concebida há duas décadas, hoje desintegrou-se, dando espaço para diversas outras formas de arranjo interpessoal. Esta centralidade do trabalho também é variável conforme a etapa da vida do indivíduo. Conforme Tolfo e Piccinini (2007), dependendo da fase na qual se encontra, pode atribuir níveis de importância diferentes para o trabalho em sua vida, influenciando na forma com a qual este trabalho se relaciona com as demais esferas de sua existência. Segundo as autoras, os valores ligados a esfera do trabalho são adquiridos já na infância e na adolescência e se integram a personalidade do indivíduo, mas sofrem alterações conforme as mudanças pessoais e sociais que enfrenta.

Assim, este artigo tem como objetivo analisar se e como a maternidade/paternidade afeta o trabalho e o entendimento do trabalho para pais e mães que tiveram o primeiro filho há até 3 anos. Por meio de um recorte de três momentos da vida do entrevistado – passado, presente e futuro – buscou-se investigar quais suas noções sobre o trabalho, bem como o que entendem por sentido do trabalho, questionando tanto as mensagens recebidas de seus pais quando os entrevistados eram ainda crianças e adolescentes quanto, projetando para o futuro, a visão de trabalho que pretendem passar para o filho.

A limitação do perfil dos entrevistados a pais e mães que tenham tido o primeiro filho há no máximo três anos se justifica pelo fato que neste estudo procurou-se incentivar que os entrevistados refletissem sobre as transformações que a paternidade/maternidade geraram em suas concepções sobre o trabalho, motivo pelo

qual julgou-se que o episódio de nascimento do primeiro filho precisava estar ainda recente nas lembranças do sujeito. Soma-se a isto o fato de que os primeiros três anos de vida da criança é um momento de maior dependência em relação aos pais, o que pode acabar afetando mais fortemente a relação dos pais e mães com o trabalho.

Inicialmente, realizou-se uma revisão teórica a respeito dos temas abordados nesta pesquisa, sendo que as linhas mestras são definidas pelo tripé trabalho, sentido do trabalho e paternidade/maternidade. A esta revisão, segue-se a apresentação do método desenvolvido na pesquisa, apresentação e análise dos resultados e, finalmente, considerações finais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O Trabalho e seus Sentidos

O trabalho é uma atividade complexa e de difícil conceituação pela diversidade de objetos, eventos e situações que envolve decorrente da diversidade de significados que adquire em diferentes contextos históricos. O lugar que o trabalho ocupa em determinada sociedade está fortemente relacionado à institucionalidade – entendida como normas e valores do trabalho compartilhados – e ao sentido atribuído por pessoas ou grupos sociais (OLIVEIRA; PICCININI, 2011).

A origem da palavra trabalho remonta a um instrumento de tortura – *tripalium* – de onde advém, também, o verbo trabalhar – *tripaliare* – com significado de torturar e conotação de padecimento e cativo (ALBORNOZ, 1994). A concepção clássica de trabalho não se distancia deste entendimento, pois nas sociedades grega e romana o trabalho está ligado apenas à satisfação de necessidades básicas. No caso dos gregos, tudo que estava relacionado a atender às necessidades de sobrevivência não definiam nem a liberdade tampouco a grandeza de um indivíduo. Na sociedade feudal (séculos V ao XV), embora houvesse uma rígida hierarquia estabelecida em relação ao trabalho e não houvesse sua valorização como forma de obtenção de riqueza, o advento das religiões cristãs contribuiu para a atribuição de valores positivos ao trabalho. É, no entanto, a Reforma Protestante que representa uma mudança cultural que irá afetar os valores relacionados ao trabalho, pois passa a dar destaque para a vida ativa em detrimento da atividade contemplativa (OLIVEIRA; PICCININI, 2011).

Ainda no cenário europeu, outro importante acontecimento que influenciou sobremaneira a visão de trabalho foi a Revolução Industrial em suas diversas fases. É neste contexto que surgem estudos que apontam para a importância relativa do dinheiro, dos setores produtivos e dos fatores de produção. Continua crescente a valorização do trabalho, que se torna um símbolo de liberdade do homem para transformar a natureza e a sociedade (OLIVEIRA; PICCININI, 2011).

Tal construção não se deu de forma simples e linear como podem deixar parecer as palavras acima, pois certamente o trabalho – e seu entendimento – foram sendo modelados e remodelados pelos acontecimentos históricos e perpassados pela subjetividade dos indivíduos que o vivenciaram. No entanto, a trajetória do trabalho até a Idade Média foi importante pois, conforme salientam Oliveira e Piccinini (2011), é a partir da mudança de compreensão em relação aos ganhos do trabalho que se erigiu a base moral do entendimento do trabalho como valor, conceito que na Idade Moderna só foi reforçado com o capitalismo.

Para Mercure e Spurk (2005), Sorj (2000) e Toledo (2000a) não existe noção a-histórica do trabalho, ou seja, as formas do agir que o descrevem, assim como as palavras que o designam são acima de tudo construções históricas. Não haveria trabalho para todos e que a extensão do trabalho precário não significaria. Toledo (2000b) considera que, na década de 1990, ao falar de trabalho parecia-se anunciar o fim do trabalho, mas, sim, sua transformação em outras formas de trabalhar. Ou seja, não é o fim da necessidade de trabalhar, pois os seres humanos continuarão trabalhando, ainda que de forma diferente. Conforme (Boissonnant, 1996 apud TOLEDO, 2000b), a polêmica em torno do fim do trabalho está mal colocada, pois seria a redução do trabalho formal, estável e sua substituição por outras formas de trabalho consideradas atípicas nos países desenvolvidos, embora nos países em desenvolvimento já tenham uma história de normalidade. O trabalho não tende a terminar, mas pelo contrário, ampliar-se e fundir-se com outros aspectos da vida do trabalhador. Assim, conclui o autor, não há o fim do trabalho, mas, sim, uma transformação do significado do que é trabalhar, dos limites entre trabalho e não-trabalho com a ruptura, para algumas categorias profissionais, do conceito de jornada de trabalho.

Sorj (2000) também manifesta-se contra a tese do “fim do trabalho”. A autora argumenta que o trabalho, na pluralidade de formas que pode assumir nos dias de hoje, continua a ser um dos mais importantes determinantes das condições de vida das pessoas. Conforme salienta, o sustento da maioria dos indivíduos continua a depender da venda do seu tempo e de suas habilidades de trabalho no mercado. Mais do que isto, sua presença tem invadido de tal forma diferentes esferas da vida que hoje é difícil estabelecer as fronteiras que separam o âmbito do trabalho do não-trabalho.

Ao discutir sobre a existência, hoje, da centralidade do trabalho, Antunes (2005) lembra que os estudos têm sido permeados por uma visão eurocêntrica do tema. Conforme apresenta, há importantes teóricos do trabalho que partilham de uma visão de crise da sociedade do trabalho: Pietro Gorz (austríaco); Claus Offe (alemão); Jürgen Habermas (alemão); Dominique Méda (francesa). Neste meio aparece, também, o norte-americano Jeremy Rifkin com seu *best-seller* “O Fim dos Empregos”. Porém, conforme afirma Antunes (2005), é importante ter em mente que cerca de 2/3 dos trabalhadores encontram-se nos países em desenvolvimento na Ásia, no Oriente, na África e na América Latina. Assim, não seria adequado tematizar sobre o mundo do trabalho com um corte excessivamente eurocêntrico.

Para Antunes (2005), apesar da aparência de descentramento da categoria trabalho na sociedade atual, o desafio da humanidade ainda está na busca de uma vida cheia de sentido dentro e fora do trabalho. Complementa, também, que aí reside a força e a centralidade do trabalho.

Neste artigo adota-se a postura teórica de que o trabalho permanece sendo central, dada a sua importância na sociedade brasileira. No entanto, falar de centralidade do trabalho não quer dizer que o trabalho ocupe, na vida de cada indivíduo, sempre o mesmo grau de importância. Tolfo e Piccinini (2007) retomam os estudos do grupo *Meaning of Work International Research Team* (MOW), que diferenciam a centralidade absoluta e a relativa, sendo que a primeira refere-se ao valor atribuído ao trabalho dentro da vida dos indivíduos e que identifica em que medida o trabalho é central para a auto-imagem, e a segunda é influenciada pelos ciclos vitais do sujeito e mede a relação do trabalho com outros momentos importantes na sua vida. É o caso deste artigo, que

procura entender a relação com o trabalho de sujeitos que se tornaram pais ou mães recentemente.

Além das discussões sobre centralidade ou crise na sociedade do trabalho, outra questão de destaque – já mencionada por Antunes (2005) – é a do sentido do trabalho, ainda mais naquelas regiões do globo mais dependentes do trabalho, como é o caso da América Latina e, conseqüentemente, do Brasil. Assim, tem crescido o número de estudos que buscam entender o sentido do trabalho para diferentes grupos sociais ou profissionais.

Nos anos 1980, a equipe de pesquisadores do *Meaning of Work International Research Team* (MOW) divulgou trabalhos com pesquisas feitas em vários países a respeito dos sentidos dados pelos indivíduos aos seus trabalhos. Conforme os dados de MOW (1987), citados por Tolfo e Piccinini (2007), três dimensões fazem parte do construto do sentido do trabalho: a) Centralidade do trabalho: o quão importante é entendido este trabalho na vida do trabalhador; b) Normas sociais sobre o trabalho: funcionam como padrões para indicar ao trabalhador o que é certo e o que é errado, também servindo de parâmetro para que este possa identificar se suas recompensas estão sendo justas ou não segundo suas próprias percepções. Podem ser representadas como direitos ou deveres; c) Resultados valorizados do trabalho: se referem aqueles valores que a pessoa preza no trabalho desenvolvido, ou seja, aquilo que a motiva a trabalhar. Abrange os aspectos que as pessoas buscam no trabalho, dos financeiros/materiais aos de auto-realização.

Ainda segundo Morin (2001), se estes entrevistados deixassem de trabalhar, sentiriam falta do trabalho. As respostas dos entrevistados deram a entender que sentiriam ausência de ter atividades por fazer, de serem produtivos, de ter utilidade, dignidade pessoal, relacionamento interpessoal, pertencimento a um grupo e do salário. Segundo Tolfo e Piccinini (2007), estas respostas demonstram por que muitas pessoas, mesmo com condições financeiras que lhe permitam abdicar do trabalho pelo resto de suas vidas, optam por continuar a trabalhar.

Outro ponto importante a ser ressaltado é com relação aos conceitos utilizados a respeito de significado e sentido do trabalho. A respeito disso, Oliveira, Piccinini, Fontoura e Schweig (2005) esclarecem que para alguns autores, como o grupo MOW, sentido e significado possuem o mesmo conceito, sendo considerados sinônimos. Tolfo e Piccinini (2007) esclarecem que a partir dos modelos de Hackman e Oldhan (1975), usados também por Morin (2001), pode-se fazer uma distinção entre os dois termos. Segundo as autoras:

entende-se como significado do trabalho a representação social que a tarefa executada tem para o trabalhador, seja individual (a identificação de seu trabalho no resultado da tarefa), para o grupo (o sentimento de pertença a uma classe unida pela execução de um mesmo trabalho), ou social (o sentimento de executar um trabalho que contribua para o todo, a sociedade). (Tolfo e Piccinini, 2007, p. 40)

e também:

Como definidores do sentido do trabalho, os pesquisadores do MOW identificam, além do significado – individual, coletivo e social do trabalho –, a utilidade da tarefa executada para a organização a que se pertence, a auto-realização e a satisfação, o sentimento de desenvolvimento e evolução pessoal e profissional e a liberdade e autonomia para a execução das tarefas. (Tolfo e Piccinini, 2007, p. 40-41)

Com base nestes conceitos, podemos observar que a definição de sentido do trabalho é mais ampla que a definição de significado do trabalho. Neste estudo, optamos pela definição distinta de sentido e significado.

A seguir são apresentados aspectos relevantes quando à maternidade/paternidade e que são importantes para entender como se relacionam com a dimensão do trabalho.

2.2 Maternidade/Paternidade e Trabalho

Homens e mulheres inserem-se na vida familiar segundo referenciais de gênero, apreendidos ao longo da vida e que determinam os papéis a serem assumidos pelos indivíduos e que serão socialmente legitimados. Na sociedade moderna e ocidental o modelo patriarcal designou ao homem o poder de estabelecer o diálogo com a família quando lhe convém, cabendo às mulheres a responsabilidade de manter a harmonia das relações familiares na esfera reprodutiva (FREITAS et al., 2009).

Todavia, as transformações sociais que vêm ocorrendo no espaço público e privado, sobretudo a partir da década de 1960 (SORJ, 2000), afetaram a forma de viver e de construir a identidade de gênero. Hoje se questiona falar em funções exclusivamente masculinas ou femininas, pois tanto o homem como a mulher estão exercendo funções que antes eram tidas como típicas do sexo oposto. O domínio masculino em determinadas atividades entendidas como masculinas tem sido revisto (FREITAS et al., 2009).

O papel da mulher na sociedade ocidental tem evoluído ao longo dos tempos. A mulher foi ganhando importância, lutando por questões de liberdade, de igualdade, controle da natalidade, tendo aumentado seu acesso a todas as esferas da vida, seja pública ou privada. Foi conquistando, também, espaço no mercado de trabalho (HIRATA, 2009), conciliando, muitas vezes, os papéis de trabalhadora e de mãe, ou escolhendo entre seguir carreira ou se dedicar à criação de filhos, além de poder escolher qual a melhor hora de engravidar, ou sair do mercado de trabalho. Segundo Grant (2001), a sociedade contemporânea está inevitavelmente marcada por uma ascensão da mulher no mercado de trabalho e na vida intelectual, podendo desenhar a direção de sua vida: casar, viver em concubinato ou mesmo optar por ser solitária, divorciar-se, ter ou não filhos, etc.

No entanto, conforme os resultados encontrados por Oliveira e Marcondes (2004), apesar das mudanças que permitiram às mulheres obter reconhecimento social e autonomia, a desigualdade de gênero ainda é forte em todas as esferas da sociedade. A dupla jornada de trabalho e uma série de expectativas e cobranças com relação à vida privada feminina têm resultado em uma sobrecarga na vida das mulheres. A emancipação feminina tem acrescentado a seu papel tradicional de cuidadora a condição de provedora. Ao mesmo tempo, os homens poderiam se eximir cada vez mais das responsabilidades tidas como masculinas, sem que necessariamente assumissem novas funções.

A mulher profissional faz parte dessa multiplicidade de papéis, mas, ainda hoje, sofre com as desigualdades de gênero não só no Brasil, mas em muitos países. Pazello e Fernandes (2004) salientam a existência de um impacto negativo da maternidade sobre a participação da mulher no mercado de trabalho, que parece variar muito pouco com o número de filhos e que tende a diminuir no longo prazo. Conforme as autoras, mulheres com filhos aceitam menores salários-hora desde que o posto de trabalho ofereça jornadas mais flexíveis e/ou mais curtas.

A exigência tradicional não cobrava, cultural e socialmente, do pai a demonstração de afeto ou carinho com as crianças, mas sim que o mesmo fosse a autoridade, a força, o provedor distante. Conforme Freitas *et al.* (2009, p.4):

A responsabilidade apresentada nos relatos reflete a ideologia patriarcal como uma pressão social sobre o homem, gerada pela imposição de papéis que, quando não cumpridos, põem em xeque sua masculinidade. Embora tal representação traga consigo a referência do pai que ampara, não permitindo que o filho sofra, é vivida internamente pelo homem de modo paradoxal, pois se dá quase sempre distante da dimensão afetiva pai-filho. Isso denota que, para esses homens, os aspectos subjetivos relacionados com o amor, carinho e afeto não são *a priori* associados ao significado de pai. Sob esse ponto de vista, o modelo de pai provedor é o modelo do bom pai, imagem esperada socialmente pelo homem.

Segundo Freitas *et al.*, 2009, o novo modelo de relação pai-filho representa um avanço, pois se ampliam as relações para além daquela unicamente material, uma vez que o pai envolve-se em atividades comumente associadas à mãe, como acompanhar o desenvolvimento escolar e ensinar-lhe preceitos religiosos.

Muitos pais fazem a opção por uma carga horária de trabalho fixa, mesmo com redução de salário, para poder cuidar dos filhos, sinalizando uma mudança de paradigma.

Alguns homens começam a se preocupar em paternar o filho, acompanhando seu crescimento e desenvolvimento de modo mais próximo, realizando cuidados socialmente considerados femininos de modo que o provedor afetivo vem emergindo no provedor material. As relações de autoridade vão dando espaço a relações permeadas por afeto e negociações, possibilitando que pais e mães compartilhem os cuidados e estreitem os vínculos afetivos com os filhos, de forma que a paternagem¹ colabora para a ruptura de estereótipos de uma masculinidade insensível e intocável (FREITAS *et al.*, (2009, p.89).

Para cuidar dos filhos faz diferença, também, as proteções garantidas por lei. A proteção da maternidade é essencial para a promoção dos direitos, saúde e segurança econômica das mulheres e das famílias, em todas as partes do mundo. A proteção da maternidade tem um objetivo duplo: preservar a saúde da mãe e do seu recém-nascido e garantir certo nível de segurança no emprego (proteção contra a demissão e a discriminação, direito de retornar ao seu posto de trabalho após o término da licença e manutenção dos salários e durante a maternidade (OIT, 2009).

A licença paternidade surgiu no sentido de apoiar o papel do pai, pois oferece aos pais uma importante oportunidade para cuidar dos filhos recém-nascidos e ajudar as mães que acabam de dar à luz a fazer face às exigências físicas e emocionais que o parto e os cuidados ao bebê implicam, refletindo uma evolução das mentalidades em relação à paternidade (OIT, 2009). A maternidade sendo uma questão social, logo o ônus da casa, do lar e dos filhos não pode estar sobre os ombros da mulher, onde haja políticas que visem à situação de igualdade entre homens e mulheres, na vida econômica e política de um país (VERUCCI, 1987), corroborando com o art. 226, §5º onde os direitos e deveres referentes à sociedade conjugal são exercidos igualmente pelo homem e pela mulher, e

¹ Entende-se por paternagem os cuidados paternos (Freitas, 2009).

os pais têm o dever de assistir, criar e educar os filhos, no art. 229, ambos da Constituição Federal.

Na seção seguinte são apresentados os passos seguidos na pesquisa a fim de alcançar o objetivo de analisar se e como a maternidade/paternidade afetam o trabalho e a visão sobre o trabalho.

3. Método de Pesquisa

O estudo caracteriza-se por uma pesquisa de abordagem qualitativa, sendo que os dados foram coletados via entrevistas semiestruturadas. Optou-se por entrevistas semiestruturadas, pois, conforme Gil (2007), estas apresentam certo grau de estruturação que possibilita que o entrevistador explore pontos de interesse durante a sua realização. Além disto, é uma técnica de coleta de dados adequada quando é necessário superar distâncias no espaço e no tempo, permitindo estudar fatos passados por meio de relatos de quem os vivenciou (Peräkylä, 2005). Neste estudo, em muitos momentos os entrevistados precisaram se reportar a fatos vivenciados desde a infância e, também, foram convidados a projetar alguns aspectos em relação ao futuro, como explicado posteriormente.

Todas as entrevistas foram realizadas por meio virtual utilizando-se a ferramenta MSN *Messenger*. Oliveira (2009) citando Bourdieu (1999) considera que em uma pesquisa qualitativa o pesquisador pode precisar ajustar seus propósitos, hipóteses e estratégias de contato em função das circunstâncias do campo, o que foi o caso no referido estudo, haja vista que os entrevistados alegaram dificuldades de conciliar a entrevista presencial com sua rotina. Por tratar-se de pais e mães com filhos pequenos, a opção de fazer a entrevista por MSN foi bem recebida. Ressalta-se que todos os entrevistados são usuários do sistema e sentem-se à vontade com este meio de comunicação. Apesar de, como salienta Oliveira (2009), ter-se perdido elementos da linguagem corporal do entrevistado, os entrevistados faziam uso de elementos da comunicação virtual como símbolos, figuras e expressões que constroem uma linguagem própria.

O roteiro de entrevista foi elaborado tomando como base as perguntas utilizadas por Morin (2001) e ampliado com a finalidade de atender aos interesses da pesquisa. Buscou-se, na elaboração do roteiro de entrevista, capturar três momentos da vida do sujeito: a) o momento presente, quando este posicionou-se sobre sua atividade profissional atual e, também, sobre o que é trabalho, de forma ampla, e quais os atributos para que um trabalho faça sentido e um que não faça. Além disto, o que mais sentiriam falta e o que procuram no trabalho. Vale lembrar que foram solicitados a responder, também, o que é ser pai e mãe e se/como a paternidade/maternidade afetou o trabalho e a visão de trabalho; b) momento passado, quando foram questionados sobre lembranças da infância em relação à vida laboral dos pais, bem como que mensagem receberam destes no tocante ao trabalho. Ainda, ao falar sobre como a maternidade/paternidade afetou sua atividade profissional e sua visão de trabalho, além de refletirem sobre o momento atual precisaram retomar lembranças de como era antes do nascimento do bebê; c) o momento futuro, quando foram inquiridos sobre a visão de trabalho que pretendem passar para o filho.

Assim, foram entrevistados 14 pais e mães que tivessem o primeiro filho com até 3 anos de idade. Estabeleceu-se a idade máxima de 3 anos do primeiro filho com o

objetivo do episódio da maternidade/paternidade estar recente e os pais e mães conseguirem fazer o recorte do antes e do depois em suas lembranças e, também, por ser um momento de maior dependência do filho com os pais. Os entrevistados foram selecionados por conveniência, sendo que todos eram conhecidos, em diferentes graus, de algum dos entrevistadores. Procurou-se diversificar, dentro do possível, o perfil dos entrevistados, buscando tanto homens como mulheres em diferentes faixas etárias, perfis de renda e grau de instrução. Admite-se, no entanto, que esta foi uma limitação da pesquisa, dado que todos os entrevistados têm mais de 22 anos e renda familiar acima de R\$ 1.800,00. Ainda, todos têm ao menos segundo grau completo, sendo que a maioria tem inclusive curso superior completo. Pretende-se ampliar esta pesquisa englobando, também, sujeitos mais jovens, com remunerações inferiores e menor escolaridade.

As respostas foram analisadas segundo a análise de discurso. Conforme Rocha-Coutinho (2006, p. 68), esta é uma forma de análise que permite “melhor entender como as ideologias dominantes, muitas vezes contraditórias, refletidas e reforçadas pelos diferentes tipos de discurso, estruturam nossas instituições e moldam a vida cotidiana das pessoas”, e, sendo assim, “é necessário ouvir não apenas o que as pessoas reais dizem de suas vidas concretas, mas também como elas o dizem e porque o fazem desta forma”, ou seja, na análise do discurso leva-se em conta não apenas os significados explícitos, mas também os implícitos, considerando-se em que contextos e levando em conta a trajetória do entrevistado.

4. RESULTADOS DA PESQUISA

A seguir será apresentado de forma mais detalhada o perfil dos entrevistados (Figura 1). Ressalta-se que os nomes dos entrevistados são fictícios a fim de que não sejam identificados, bem como os nomes de seus filhos e as organizações em que trabalham, quando citados.

4.1 Perfil dos entrevistados

Conforme exposto na Figura 1, abaixo, foram entrevistados 14 sujeitos, sendo 9 pais e 5 mães. Todos os entrevistados são brasileiros e naturais e/ou residentes em diferentes regiões do Brasil. A idade dos entrevistados variou de 22 a 34 anos. Todos os entrevistados vivem com o companheiro que é o pai ou mãe do seu filho. A idade do bebê no momento das entrevistas variou de pouco mais de 1 mês a 2 anos e 9 meses.

A maioria dos entrevistados tem curso superior completo (10) e Robson, Cláudio, Beatriz e Janice possuem ao menos ensino médio completo. As formações variaram entre os entrevistados e não são todos que atuam na sua área de formação, como é o caso de Pietro e Marcos. Todos os entrevistados atuam no mercado de emprego formal; a única exceção é Janice que, além de ser conselheira tutelar em sua cidade, atua informalmente como cabeleireira e também faz doces e salgados para vender.

A renda familiar variou de R\$ 1.800,00 a R\$ 15.000,00. Com exceção de Pietro que tem um enteado, o núcleo familiar dos demais entrevistados é formado pelo pai, mãe e filho. Apenas três entrevistados – Tobias, Cristiano e Fernando – afirmaram



serem os responsáveis pela renda da família, sendo que nenhuma das mulheres se declarou financeiramente a única responsável pelo lar.

Na seção seguinte são apresentados os resultados obtidos nas entrevistas com os sujeitos citados na Figura 1.

Entrevistado	Idade	Formação	Atividade profissional	Composição da Renda	Renda Familiar	Idade do filho
Tobias	32	Eng. Elétrica	Engenheiro	Marido	15.000,00	7m
Pietro	32	Biologia	Aux. Disciplina	Casal	1.800,00	6m
Marcos	32	Eng. Elétrica	Empresário	Casal	4.000,00	2a 2m
Cristiano	27	Contabilidade	Contador em órgão público	Marido	4.500,00	7m
Amanda	25	Administração	Administradora de empresa familiar	Casal	8.000,00	2a 3m
Larissa	23	Enfermagem	Professora em curso técnico	Casal	4.000,00	7m
Robson	33	Superior Incomp.	Tec. em Hidrologia	Casal	5.000,00	1a 4m
Fernando	32	Eng. Elétrica	Engenheiro	Marido	6.500,00	7m
Rômulo	30	Administração	Empresário	Casal	5.000,00	2ª
Cláudio	22	Superior Incomp.	Professor Judô	Casal	2.000,00	7m
Beatriz	24	Superior Incomp.	Aux. Administrativo	Casal	6.000,00	1a 9m
Janice	27	Ensino médio	Conselheira Tutelar e cabeleireira	Casal	2.000,00	2a 9m
Maria	34	Msc. Administração	Professora universitária	Casal	5.000,00	5m
Leandro	30	Administração	Administrador	Casal	3.500,00	1m

Figura 1 - Perfil dos Entrevistados

Fonte: elaborado pelos autores

4.2 O Trabalho e seus Sentidos para pais e mães

A fim de que fosse possível atender ao objetivo deste estudo de verificar se e como a maternidade/paternidade influencia no trabalho e na visão sobre o trabalho para os entrevistados, buscou-se, primeiramente, entender o que estes entendem por trabalho e o que mais sentiriam falta se não trabalhassem.

Na análise dos resultados ficou evidente que a visão sobre o trabalho e também o sentido atribuído são construções históricas e sociais (SORJ, 2000; TOLEDO, 2000a; MERCURE; SPURK, 2005). Pelas falas dos entrevistados foi facilmente observada a influência das diferentes concepções históricas acerca do trabalho compondo a visão dos entrevistados, pois conforme destacam Oliveira e Piccinini (2011, p.205-206) “as mudanças tendem a compor um mosaico cada vez mais complexo para a compreensão de como ocorre e qual a importância adquirida pelo trabalho na sociedade contemporânea”.

Ao referirem-se ao trabalho foi possível observar o quanto o trabalho é importante em suas vidas, corroborando o exposto por Antunes (2005) sobre a centralidade do trabalho. Em diversos momentos da entrevista os sujeitos usaram-se de

palavras como “fundamental” ou “essencial” ao referirem-se ao trabalho. Por outro lado, os resultados foram de encontro às ideias de pesquisadores europeus e norte-americanos como Offe, Méda, Gorz, Habermas e Rifkin que apregoam que outras esferas da vida estariam tomando o lugar do trabalho em termos de importância e que caminharíamos para uma sociedade do não-trabalho.

Nas respostas dos entrevistados foi possível identificar uma convergência com os dados observados na pesquisa sobre trabalho e sentido do trabalho realizada por Morin (2001) com estudantes de administração e com administradores do Quebec/Canadá e da França. Ao serem questionados sobre o que procuram (esperam) no trabalho, os entrevistados abordaram com frequência o reconhecimento e a satisfação pessoal. Também estiveram presentes respostas ligadas a aprendizado, salário e relacionamento interpessoal.

Ao serem questionados sobre o que sentiriam falta se deixassem de trabalhar, os entrevistados citaram principalmente a interação e a convivência com um círculo de pessoas, o que pode ser interpretado como o sentimento de pertencimento a um grupo, conforme Morin (2001). O aspecto financeiro também esteve presente, sendo que a questão do salário foi citada em duas entrevistas (Cláudio e Pietro). A referência à remuneração nesta questão foi decorrente dos dois homens que têm a menor renda familiar mensal, o que pode exprimir que esta seja, para eles, uma preocupação recorrente ao pensar no trabalho: “Nesta parte conta muito receber o salário em dia” (Pietro). Por outro lado, o entrevistado com maior renda (Tobias), apesar de não usar explicitamente a palavra salário, deixa transparecer em suas respostas uma alta importância para o aspecto financeiro em sua visão de trabalho. Por estar em uma posição de chefia, exigindo dele uma postura de executivo, cita preocupação tanto com o resultado financeiro da empresa, quanto com a manutenção do emprego dos seus subordinados.

Quanto ao que esperam do/procuram no trabalho alguns entrevistados, espontaneamente, acabaram mencionado aspectos relacionados ao filho. Salienta-se que até este momento não havia sido feita nenhuma menção à maternidade/paternidade e mesmo assim os entrevistados relacionaram, o que já nos permite perceber o quanto o trabalho está ligado a outras esferas da vida. Foi o caso de Maria e Cláudio, que é professor de judô e após o nascimento do filho revelou importar-se mais com a remuneração advinda do seu trabalho.

[...] fazer uma coisa que sempre esteve presente na minha vida soa que agora me dá um retorno financeiro antes era só por gostar de praticar o esporte agora com nascimento do meu filho se tornou algo necessário para sustentar minha família (Cláudio).

Hoje, quando penso em trabalho, penso em prover o Nuno com tudo que ele precisa. Penso em progredir para que ele se orgulhe da mãe dele (Maria).

Na tentativa de definirem o que é trabalho, os entrevistados deram respostas semelhantes às dadas na questão sobre o que procuram no trabalho. Neste ponto surgiram novamente os aspectos de reconhecimento e necessidade de ser e sentir-se útil. Surgiram, também, referências ao trabalho como um meio para realização de desejos e sonhos materiais e sentimentais. Especificamente quanto ao que entendem por trabalho foi possível perceber semelhanças e diferenças nos posicionamentos, tendo sido constatadas posturas positivas, negativas e neutras quanto ao trabalho e, também, a coexistência entre elas no discurso de alguns entrevistados. É importante salientar que,

ao referir-se a algo de difícil definição, como é o caso do trabalho, isto não se configura como contradição, mas sim evidencia a tamanha complexidade do tema e a influência de diversos elementos e eventos. Estas visões aparentemente dicotômicas exprimem justamente a complexidade do construto trabalho, sendo que não podem ser caracterizadas como contradição, pois em relação ao trabalho, o positivo e o negativo são antes de tudo complementares, como será apresentado a seguir.

Apareceram tanto respostas que remetem à ideia de sacrifício e abdicação, referente à abordagem de trabalho que perdurou na Antiguidade Clássica e, também, na sociedade feudal (OLIVEIRA; PICCININI, 2011) quanto à outra que aproxima-se da visão marxista de trabalho como auto-realização. Houve entrevistados que relacionaram o trabalho a apenas uma ou outra dimensão e também aqueles que mencionaram aspectos referentes às duas dimensões.

Entre os entrevistados que entendem o trabalho como abrangendo uma valoração positiva e negativa encontram-se Robson, que afirmou que “é algo que se faz por necessidade, mas que pode ser também prazeroso”, e Cláudio quando este declara que “é uma maneira de você ganhar seu dinheiro para sustentar seus gastos financeiros podendo trabalhar com algo que você goste ou não”. Nota-se que a ideia de sacrifício é anterior a de realização, sendo que esta última pode ocorrer ou não, mas a primeira sempre estará presente, conforme a visão dos entrevistados.

Apenas um entrevistado – Rômulo – referiu-se ao trabalho com uma conotação predominantemente negativa, definindo-o simplesmente como um “sacrifício necessário”. Para ele, o trabalho está associado à satisfação das necessidades básicas, tanto que, quando questionado sobre o que mais sentiria falta se deixasse de trabalhar, a resposta foi curta e imediata: “é do dinheiro”. Quanto a este entrevistado é interessante ressaltar que se trata de um micro-empresário e não alguém que execute tarefas repetitivas no sentido taylorista/fordista e que tende a levar à alienação de que fala Marx.

Duas entrevistadas revelaram uma posição neutra quanto ao trabalho afirmando que trata-se de “atividade que ocupe corpo e/ou mente fora do ambiente familiar” (Maria) e “qualquer atividade que se execute seja em casa ou fora dela” (Janice). A postura de Janice em relação ao trabalho parecer ser bastante influenciada pela sua atividade laboral que se desenvolve dentro de casa, como é o caso de fazer doces e salgados para vender e, também, o salão de beleza que fica em um dos cômodos da sua residência. Maria também trabalha, por vezes, em sua própria casa, pois leciona com ensino à distância, porém em suas respostas expressou perceber uma nítida diferença entre esta atividade e aquelas que dizem respeito ao universo doméstico.

Os entrevistados foram questionados, também, sobre a relação do trabalho com as demais esferas da vida (como família, estudo, religião, lazer, ação política, trabalho voluntário) tendo ficado evidente nas respostas que o trabalho ocupa um espaço de destaque em suas vidas e, mais do que isto, funciona como um “aporte” para que as demais possam existir. Ter um trabalho é uma forma de sustentar a família e alcançar outras atividades como estudo e lazer, por exemplo.

[...] depois do nascimento da Joana¹ fiquei quase 2 anos afastada, apesar de ter todo o trabalho com ela, mas sentia muita falta [do antigo trabalho], acredito que isso se deve ao fato do trabalho estar interligado com a família [...] tudo tem seu peso, porque sem trabalho não dá para fortalecer a família, estudo e tudo mais [...] (Amanda).

Algumas das demais esferas não chegaram a ser mencionadas pelos entrevistados, apesar de, no momento do questionamento, os entrevistadores terem citado quais poderiam ser. A dimensão que mais apareceu foi a família, quando muitos entrevistados salientaram que buscam o “equilíbrio” entre uma e outra. Cabe salientar que os entrevistados passaram recentemente por um momento de mudança na situação familiar que foi o nascimento do primeiro filho o que, provavelmente, refletiu no momento de posicionarem-se. Alguns referiam-se ao trabalho como uma parte da vida e não sua totalidade, no entanto, com exceção da família, não houve ênfase às demais esferas. Todos os entrevistados deixaram antever que a prioridade em suas vidas é o trabalho e a família, principalmente o(a) filho(a) recém-nascido.

hoje o trabalho para mim é essencial...como eu trabalho praticamente o dia todo eu acabo me privando de certas coisas como meu estudo...a minha meta está sendo terminar minha faculdade mas infelizmente não posso passar o dia todo longe da minha filha então acabo deixando em segundo plano algumas coisas para ter tempo pra ela [...] .mas a gente abre mão sem nem pensar. É uma coisa espontânea, não fazemos questão de nada quando temos filhos... tudo em prol deles (Beatriz).

Apenas uma das entrevistadas – Maria – não estava trabalhando no momento da entrevista, pois atua com ensino à distância em algumas disciplinas de um curso de graduação. A fala dela permite perceber o entendimento social da importância do trabalho e, quando não se tem um trabalho, do sentimento de deslocamento que pode gerar, afetando negativamente as demais esferas da vida.

O trabalho traz uma espécie de aporte a todas as esferas da minha vida. Sou parte do que exerço. Hoje, como estou afastada, me sinto um pouco insegura. Falta alguma coisa, me sinto deslocada, mesmo nas conversas em família. Hoje, quando perguntada sobre: qual a tua atividade, o que vc faz, fica difícil responder... [pois] não sou estudante, não sou professora e não sou "do lar" até porque tenho uma pessoa para cuidar dos afazeres. Eu sou mãe por opção. Estranho, né? [...] as pessoas te identificam pelo que tu diz fazer. (Maria).

Os entrevistados também foram questionados sobre o que seria um trabalho com sentido. Neste quesito, a maioria deu respostas relacionadas a satisfação, fazer o que gosta, realização em vislumbrar o resultado do trabalho, retorno financeiro e reconhecimento no desenvolvimento de suas atividades profissionais. A maioria dos entrevistados elencou diversos elementos como constituintes de um trabalho com sentido, como é o caso de Pietro que mencionou o reconhecimento do trabalho, aliado a uma necessidade de equilíbrio nas esferas pessoal e profissional da vida:

[...] você faz o que gosta porque sente satisfação em trabalhar e ver os resultados, se é reconhecido pelo que faz e se te sobra tempo para usufruir com as pessoas que gosta. (Pietro)

Importante ressaltar que muitos entrevistados também falam em equilíbrio ao descrever um trabalho com sentido, em ter uma ocupação que deixe tempo para a família e o lazer. Esta resposta foi mais presente, no entanto, ao serem questionados sobre o que seria um trabalho sem sentido. Novamente apareceu, espontaneamente, menção ao filho. Esta preocupação dos entrevistados pode ser observada nos recortes das respostas abaixo:

Se trabalha demais e não sobra tempo para você, o trabalho vira uma prisão. Acaba invertendo o sentido, seu lar vira trabalho e o trabalho seu lar. Quando você acaba passando mais tempo no trabalho do que com sua família, o que

realmente acontece, perde-se muitas coisas entre você, seu companheiro e o desenvolvimento dos filhos. (Pietro)

(um trabalho não tem sentido se...) ele consumir todo o meu tempo e não me deixar tempo de lazer. (Fernando)

todos os dias quando eu saía do (emprego anterior) podia contemplar parte do pôr do sol de dentro do meu carro, e pensava: que sol é esse que eu não vi nascer e nem pude sentir o seu calor na minha pele? Pensava: o que será do meu filho se eu continuar aqui? (Maria)

Também foi possível verificar em trechos das entrevistas que as noções que os sujeitos possuem sobre trabalho foram muito influenciadas, na sua infância e adolescência, pelas mensagens recebidas de seus pais. Interessante observar que nem sempre as citações dos entrevistados faziam referência a mensagens conscientes que seus pais passavam a eles, mas sim, em muitos casos, aos exemplos que eles mesmos interpretavam baseados no dia-a-dia em sua família e casa. Estes exemplos não só auxiliam na construção dos conceitos sobre trabalho, mas também sobre o papel do pai/mãe na família, e na forma como este papel interage com as demais esferas da vida.

4.3 Maternidade/Paternidade e o Trabalho

Ao serem questionados sobre o que é ser pai ou mãe muitos entrevistados – pais e mães, porém com predominância das mães – deixaram transparecer que este é um tema que lhes emociona, como é o caso de Pietro: “pra mim foi e está sendo a coisa mais maravilhosa do mundo”.

Alguns entrevistados chegaram a mencionar que esta é uma pergunta de difícil definição: Larissa chegou a mencionar que foi a questão mais difícil da entrevista. Maria e Janice relacionam a dificuldade de conceituação por haver muitas definições possíveis. Pode-se observar, também, uma ligeira diferença no tipo de resposta conforme o sexo do entrevistado. Os homens foram mais objetivos nas respostas, fazendo uso de palavras soltas para descrever o que é ser pai, como nos casos de Leandro, Cláudio, Rômulo, Robson e Tobias.

Cuidar, orientar, ser honesto com os filhos. (Leandro)

É algo difícil de explicar, mas que dá muita alegria e responsabilidade ao mesmo tempo. (Cláudio)

Já as mães tenderam a responder em formato de texto e com um tom poético, como na resposta abaixo.

é padecer no paraíso, kkkkkkkkkk nossa...é você deixar de pensar em si e se dedicar por alguém de corpo e alma sem esperar nada ..como se todo seu amor se resumisse em uma pequena pessoa [...] eu vi que o amor de mãe é algo inexplicável, é um amor superior a td e todos... eu daria minha vida por ela sem nem pensar duas vezes, eu vivo pela minha filha meus objetivos são em função dela, eu não tinha noção do amor que a gente é capaz de ter (Beatriz).

Alguns entrevistados revelaram ainda conservar a reprodução social dos modelos masculinos e femininos (FREITAS, 2009), como pode ser verificado na resposta do Tobias: “ser pai é ser responsável, provedor, educador e exemplo”. Tobias

foi o único entrevistado a usar o adjetivo “provedor”, sendo que o termo apareceu, ainda, outras duas vezes na sua fala, como apresentado a seguir “[...] e tem outro lado, o de saber que tem a obrigação de prover. Prover de forma plena, sem restrições [...]”. É importante salientar que este entrevistado é um dos poucos que é o único responsável pela renda da família, pois sua mulher não está trabalhando no momento.

A paternidade como um novo encargo social vinculado à provisão material da família (FREITAS, 2009) foi um elemento bastante destacado pelos entrevistados e que influenciou na sua visão sobre o trabalho. Além de Tobias, já citado acima, Pietro afirmou “[...] agora preciso muito mais do emprego [...]”; Marcos “[...] tenha valorizado mais a importância do meu trabalho [...]”; Cristiano “[...] dependo mais do meu trabalho”; Fernando também demonstra quando diz: “é uma tarefa complicada [...], tem toda uma preocupação com educação, saúde, bem estar, etc e [...] quando dá aquela vontade de jogar tudo para o alto, você pára e pensa que existe uma filha que depende de ti e é melhor esfriar a cabeça para tomar uma decisão”; Cláudio “que agora aquilo que estou fazendo não é só para mim e sim para meu filho”; Rômulo “agora tenho que trabalhar mais”; Leandro “é cuidar, orientar, ser honesto com os filhos”. Ficou evidente, também, a noção de responsabilidade e o papel de educar, de proteger do pai.

Percebe-se também o processo de transição no qual o pai tradicional convivia entre aqueles cuja dimensão afetiva da paternidade apresentava-se como eixo central de preocupação do ser pai. A preocupação com a responsabilidade, que predominantemente reproduzem o pai tradicional, mas também recriam o papel de pai, com a inclusão da dimensão afetiva (FREITAS, 2009), foi demonstrado pelos entrevistados Pietro “[...] está sendo a coisa mais maravilhosa do mundo, tu tens idéia do que é ver aquele ser pequenino dar a primeira risadinha, os banhos, virada de bruço e desvirar, chupar o dedão do pé”; Robson “fica a certeza de chegar em casa e ter um amor incondicional te esperando de braços abertos, isso não tem preço”. Há, ainda, aqueles que se referiram à paternidade como “gratificante” (Cristiano e Rômulo), “prazerosa” (Fernando) e “que dá muita alegria” (Cláudio).

As conquistas do mundo feminista são facilmente observáveis no espaço privado em que homens compartilham com mulheres os cuidados com a casa e com os filhos (FREITAS, 2009), o que é demonstrado nas respostas à pergunta sobre como a paternidade afetou o teu trabalho. Entre os entrevistados que relataram que os cuidados com o bebê afetaram o trabalho estão Cristiano, que não pode estender seu horário no trabalho em virtude de ter que cuidar da filha: “por causa da bebê não consigo ficar um pouco mais no trabalho, ficar além do horário [...], as vezes tenho que ajudar minha mulher com a bebê” e, também, aqueles que se referiram às noites em claro (Pietro, Leandro, Cláudio, Cristiano). As respostas dos entrevistados demonstram que a “visão *engessada* da paternidade que impedia o homem de participar da vida doméstica passa a ser vista dentro de um contexto social que gerou modalidades diversas do ser pai, além de indicar o declínio do patriarcado e as mudanças nas relações parentais” (FREITAS, 2009, p. 86). Chama atenção que nenhuma das mulheres fez menção a dormir mal durante a noite ou a ter que acordar para cuidar do filho, sendo que a não-menção, neste caso, pode ser um dado interessante, já que o papel de mãe pode estar tão introjetado – o ser coisa de mulher – que sequer se permitem falar sobre ele, por considerar natural. Já para os homens este ainda é, culturalmente falando, um aspecto relativamente novo.

Para Pazello e Fernandes (2001, p. 1) “de acordo com a teoria econômica, pode-se definir o impacto da maternidade sobre a oferta de trabalho da mulher como o resultado líquido dos efeitos renda e substituição que seguem o nascimento do filho”. A renda familiar *per capita* cai quando uma nova criança chega à família, assim o efeito renda seria positivo sobre a participação da mulher no mercado de trabalho. Isso se confirma nas respostas das entrevistadas ao responderem se a maternidade afetou o seu trabalho: Larissa “[...] acho que se eu não tivesse o Eduardo, eu não me preocuparia tanto, eu trabalharia mais, não só meio período, talvez eu estivesse melhor financeiramente. [...] se eu não tivesse o Eduardo, eu trabalharia mais para viver bem financeiramente pro meu lazer, mas eu trabalho hoje para poder oferecer melhores condições pro Eduardo”; Amanda: “sinceramente, hoje o gasto quase triplicou, então não podemos nos dar o luxo de fecharmos ao sábado e domingos, mas sinto falta de ter finais de semana”.

Quanto à interferência da maternidade/paternidade no trabalho, os entrevistados foram unânimes em responder que sim, que afetou de alguma forma. Seja quanto a noites mal dormidas ou faltas ao trabalho para levar o filho ao médico quanto em termos de carreira e tempo que passam no trabalho, como é o caso de Tobias: “de certa forma eu aceitei uma troca de carreira antecipadamente - virar coordenador - para ter mais contato (frequência) com a Ana”, assim como Marcos: “tirei o pé do acelerador”, opiniões partilhadas também por Cristiano, Amanda e Larissa.

Apesar de relatarem faltas ao trabalho para levar o filho ao médico (Pietro) ou as noites mal dormidas (Cristiano, Leandro, Cláudio) os entrevistados negaram explicitamente que a maternidade/paternidade tenha afetado o desempenho no trabalho. Porém em suas falas deixam transparecer que pode ter havido algum impacto no desempenho, como é o caso de Amanda ao relatar que “minha dedicação hoje é dividida a esse serzinho, na verdade ela é minha prioridade” e Larissa, que relatou que se não tivesse o filho trabalharia mais horas. Por outro lado, muitos mencionaram que a maternidade/paternidade mudou sua conduta em relação ao trabalho, seja porque hoje reparam em coisas que antes não prestavam atenção quanto por que se tornaram mais pacientes no trabalho.

hoje sou mais humana [...] hoje, vejo coisas que não via. Tenho uma sensibilidade maior com as coisas do mundo. Acho que sou uma pessoa melhorada (Maria).

Quando dá aquela vontade de jogar tudo para o alto você pára e pensa que existe uma filha que depende de ti e é melhor esfriar a cabeça para tomar uma decisão (Fernando).

A respeito da visão de trabalho que pretendem passar a seus filhos, a grande maioria dos entrevistados citou a questão de que gostariam que os filhos trabalhassem em algo que lhes fizesse feliz, desse prazer e/ou fosse satisfatório. Nenhum dos entrevistados citou que gostaria que o filho seguisse alguma profissão específica, apesar de o aspecto funcional/financeiro do trabalho estar presente em algumas poucas respostas. Nas respostas a esta questão ficou claro que, nesta etapa da vida, os pais tendem a privilegiar o aspecto de equilíbrio entre vida pessoal e trabalho e é justamente este entendimento de trabalho que pretendem passar para os seus filhos, talvez até mesmo em contraponto a maneira como eles vivenciam o trabalho na sua realidade profissional.

Por outro lado, quando questionados sobre quais valores receberam de seus pais a respeito do trabalho, os entrevistados tenderam a respostas relacionadas a valores como comprometimento, justiça, seriedade e honestidade. Isto pode ser explicado pelo fato de que há alguns anos os profissionais tinham uma tendência a imaginar suas carreiras em uma única empresa, ou mesmo a seguir as profissões de família. O fato de o trabalho possibilitar o acesso a bens materiais também foi citado por dois dos entrevistados, sendo que um deles justifica esta preocupação devido aos poucos recursos financeiros de sua família. Também foram dois os entrevistados que citaram terem recebido valores ligados à satisfação com o trabalho e equilíbrio entre vida profissional e pessoal. A forma de ver a relação dos pais com o trabalho também influenciou na maneira dos entrevistados pensarem seu trabalho. Alguns entrevistados relataram que os pais trabalhavam demasiado durante sua infância, dedicando pouco tempo a eles. Alguns justificaram desta forma a preocupação que têm, hoje, em equilibrar vida pessoal e familiar, alegando que não querem que seus filhos sintam sua ausência como eles sentiam dos seus pais.

Assim, verificou-se que a maternidade/paternidade afeta de diversas formas a relação com o trabalho e, também, a definição de trabalho. É um momento da vida em que o espaço do trabalho é reavaliado, porém isto não faz com que deixe de ser importante na vida dos entrevistados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dada a complexidade, justificam-se estudos que busquem compreender os sentidos e significados do trabalho para diferentes grupos sociais em diferentes momentos de vida, em diversas situações históricas e também contextos culturais, pois por mais que se pesquise sobre o tema, estes estudos nunca poderão ser generalizados. Ao contrário, o que se busca é entender uma faceta do mundo do trabalho e assim contribuir para que se lide da melhor forma.

Neste trabalho teve-se como objetivo analisar se e como a maternidade/paternidade afeta o trabalho e influencia na visão de trabalho para um grupo de pais e mães com filhos de até 3 anos de idade. Embora este artigo não tenha a pretensão de fornecer indicações para pais e mães de como conciliar ou, para usar uma palavra que apareceu com frequência nas entrevistas, equilibrar paternidade/maternidade com o trabalho, acredita-se que este trabalho forneça subsídios para que responsáveis por recursos humanos e empresários, bem como pais e mães ou aspirantes a pais e mães possam refletir sobre este momento e planejar-se da melhor forma, levando em conta sua importância social.

Apesar das teses – principalmente de origem européia – sobre o fim do trabalho ou crise do trabalho (TOLEDO, 2000b; ANTUNES, 2005) foi unânime nas entrevistas que o trabalho ocupa um papel de destaque na vida dos entrevistados e segue sendo central em suas vidas. Também foi possível confirmar que a definição do que é trabalho é uma construção histórica e social (MERCURE E SPURK, 2005; SORJ, 2000; TOLEDO, 2000a). No caso dos entrevistados, foi possível constatar o papel dos discursos transmitidos pelos seus pais durante sua infância e adolescência, através daquilo que seus pais tentam lhes transmitir, não somente de maneira direta e consciente, mas principalmente através dos modelos e exemplos que eles vivenciam durante seu crescimento. É fato que as mensagens explícitas e implícitas passadas pelos

pais deixavam transparecer entendimentos legitimados socialmente (FREITAS et al., 2009).

Além disto, o conceito de trabalho, bem como sua centralidade na vida de uma pessoa, sofre alterações com o passar do tempo e com as transformações ocorridas em seu ambiente, conforme observado pelo grupo MOW e citado por Tolfo e Piccinini (2007). É o caso do episódio da maternidade/paternidade. A partir da pesquisa foi possível identificar que a importância do trabalho na vida dos entrevistados sofre alterações com o evento do nascimento do primeiro filho. Isto ficou evidente nas entrevistas, nas quais os pais e as mães relataram que com a paternidade/maternidade o trabalho passou a ter um sentido mais funcional e financeiro, ao relatarem que neste momento eles passam a ser responsáveis pela vida de mais uma pessoa. Porém, também foi possível observar que neste mesmo momento de suas vidas, ocorre um aumento na procura por um equilíbrio entre as esferas pessoal e profissional. Os entrevistados demonstraram estar mais preocupados em passar mais tempo com a família, pois têm interesse em acompanhar de maneira mais próxima o desenvolvimento de seus filhos.

Quanto à atuação profissional constatou-se um paradoxo: se por um lado pode ocorrer um aumento de faltas ao trabalho para levar o filho ao médico ou atrasos por noites mal dormidas, por outro lado boa parte dos entrevistados revelou que a maternidade/paternidade tornou-os mais pacientes e responsáveis em relação aos acontecimentos no trabalho em função de ter uma criança que depende deles.

Como desdobramentos para futuras pesquisas, pretende-se entrevistar o cônjuge de cada um dos entrevistados, visando verificar se os entendimentos e as visões sobre trabalho e seu sentido em um casal e, ainda, poder capturar de forma mais precisa a influência do gênero neste tema. Outro possível desdobramento ainda pode ser investigar se esta o aumento de importância do aspecto funcional do trabalho devido à dependência do filho causa sofrimento e conflito para os indivíduos ao serem confrontados com a vontade de dedicarem menos tempo ao trabalho e mais à família.

Para todos os entrevistados, o nascimento do filho foi um evento de muita alegria e felicidade, mas também um período de muitas transformações e de reflexões. Com base neste contexto, pode ser importante que os governos, empresas e sociedade se preparem para dar suporte e atendimento às necessidades dos indivíduos nesta fase importante da vida que é o nascimento de um filho.

6. REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, Suzana. O que é trabalho. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ANTUNES, Ricardo L. C. A crise da sociedade do trabalho. In.: O Caracol e a sua Concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 23-39.

ANTUNES, Ricardo L. C. Os sentidos do trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo, SP: Boitempo, 2000.

FREITAS, Waglânia de Mendonça Faustino e et al . Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 43, n. 1, fev. 2009. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em 15 nov. 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GRANT, Walkiria Helena. A maternidade, o trabalho e a mulher.. In: COLOQUIO DO LEPSI IP/FE-USP, 3., 2001, São Paulo. **Proceedings online...** Available from: <<http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?> Acesso: 07 Nov. 2010.

Hirata, Helena. A precarização e a divisão internacional e sexual do trabalho. **Sociologias**, Jun 2009, no.21, p.24-41.

MERCURE, Daniel; SPURK, Jan (org.). Introdução. In.: **O trabalho na história do pensamento ocidental**. Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, p. 9-14.

MORIN, Estelle. M. Os sentidos do trabalho. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, 41(3), 8-19., 2001.

OLIVEIRA, Sidinei Rocha; PICCININI, Valmiria Carolina. A constituição do trabalho na sociedade moderna. In.: PICCINI, Valmiria Carolina; ALMEIDA, Marilis Lemos; OLIVEIRA, Sidinei Rocha. *Sociologia e Administração: relações sociais nas organizações*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

OLIVEIRA, Sidinei Rocha. **Estágios para Universitários**: representações e implicações na inserção profissional dos jovens brasileiros e franceses. 407f. Tese (Doutorado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

PAZELLO, Elaine Toldo; FERNANDES, Reynaldo. **A maternidade e a mulher no mercado de trabalho: diferença de comportamento entre mulheres que têm e mulheres que não têm filhos, 2004**. Disponível em: www.anpec.org.br/encontro2004/artigos/A04A151.pdf. Acesso em 15 nov 2010.

PERÄKYLÄ, Anssi. Analysing Talk and Text. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **The Sage Handbook of Qualitative Research**. 3rd ed. Thousand Oaks, California: Sage, 2005. p. 869-886.

PICCININI, Valmiria Carolina; Oliveira, Sidinei Rocha; Fontoura, Daniele dos Santos; Schweig, Cristine. Quando trabalhar faz sentido. *AGRH – Paris*, setembro de 2005.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. A narrativa oral, a análise de discurso e os estudos de gênero. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 11, n. 1, abr. 2006. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php?> Acesso em: 19 dez. 2010

SORJ, Bila. Sociologia e trabalho: mutações, encontros e desencontros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 15, nº 43, junho 2000.

TOLEDO, Enrique de la Garza. Introdução. In.: TOLEDO, Enrique de la Garza (coord.). **Tratado Latinoamericano de sociología del trabajo**. México: Fondo Cultura Económica, 2000 (a), p. 15-35.

TOLEDO, Enrique de la Garza. Fin del trabajo o trabajo sin fin. In.: TOLEDO, Enrique de la Garza (coord.). **Tratado Latinoamericano de sociología del trabajo**. México: Fondo de Cultura Económica, 2000 (b), p. 755-773.

TOLFO, Suzana Rosa; PICCININI, Valmiria Carolina. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Psicologia & Sociedade**, v.19, ed. Especial 1, 2007.



VERUCCI, Florisa. **A Mulher e o Direito**, Ed. Novel, 1987.
